Na segunda-feira, a Rússia fará desfiles militares para celebrar os 77 anos da vitória sobre a Alemanha nazista. Em Moscou, o Ilyushin Il-80, avião de comando que pode ser usado em ataque nuclear, será a "estrela" da parada, após discurso de Putin

Mensagem **"apocalíptica"**

» RODRIGO CRAVEIRO

No folclore russo, os "vilarejos de Potemkin" eram cenários artificiais criados para satisfazer a czarina Catherine II (1729-1796). O conde Grigory Potemkin, amante da figura mais poderosa da Rússia, quis impressioná-la com o "amor" dos cidadãos comuns e com a "prosperidade" das novas terras conquistadas de Tavrida, atual sul da Ucrânia. "A história se repete como tragédia", lamentou o ucraniano Petro Burkovsky, analista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv (em Kiev), ao comentar a intenção do Kremlin de realizar desfiles militares em Mariupol, no sudeste da Ucrânia, e em Moscou, na segunda-feira.

Detalhe: na capital da Rússia, o presidente Vladimir Putin fará um pronunciamento e exibirá armamentos que poderiam ser usados em uma Terceira Guerra Mundial — entre eles, bombardeiros estratégicos Tupolev Tu-160 e caças MiG-29SMT e MiG-28j. A presença do avião de comando Ilyushin Il-80 no desfile de Moscou provocou alvoroço no Ocidente: a aeronave serviria de centro de controle para Putin em caso de um ataque nuclear.

Os desfiles militares marcam o 77º aniversário da vitória da União Soviética sobre a Alemanha nazista. Segundo Burkovsky, o desfile na Praça Vermelha, em Moscou, "ocorrerá em meio a nenhum triunfo, a perdas imensas entre os russos e a crimes de guerra, e transmitirá a imagem de um ditador fascista perante o mundo civilizado". Ele lembra que Mariupol foi transformada em escombros pelo Exército russo e "pode servir apenas como um exemplo de política genocida, não de uma vitória militar brilhante". Burkovsky prevê que a parada será humilhante para as famílias russas que perderam entes queridos na guerra e não puderam sepultá-los.

O advogado ucraniano Olexiy Plotnikov, pós-doutor em direito e morador de Odessa (sudoeste), advertiu ao **Correio** que o desfile de Mariupol consistiria em "violação absoluta da Convenção Europeia de Direitos Humanos, incluindo o 3º artigo, o mais protegido e inderrogável — a proibição de tratamento degradante — e da Convenção de Genebra, sobre o tratamento de prisioneiros de guerra".

Segundo ele, Putin usará a ocasião para tentar demonstrar vitória sobre o "nazismo na Ucrânia" e repetir um ritual de desfile com prisioneiros de guerra. "Josef Stálin fez isso, em 1994, na cidade de Minsk." Em relação à parada em Moscou, considera o evento "uma vergonha absoluta para os acordos internacionais sobre os direitos humanos". "Ninguém fez isso desde a Segunda Guerra Mundial", lembra.

A declaração de vitória russa parece mais propaganda para a opinião pública interna do que fato. As forças de Moscou ainda combatem homens do grupo paramilitar Batalhão de Azov entrincheirasdos no complexo siderúrgico de Azovstal, em Mariupol. Além disso, as tropas enfrentam dificuldades para controlar e anexar o Donbass, região no leste da Ucrânia.

Professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, Olexiy Haran explicou à reportagem que o avião Il-80 é uma espécie de quartel-general de comando. "Ele existe desde 2010. Putin quer tentar intimidar o mundo. A mensagem seria: 'Eu posso usar essa aeronave e lançar um ataque nuclear a partir dela'. Em relação aos desfiles de Moscou e de Mariupol, Putin quer mostrar que venceu a guerra. Isso não funcionará perante a comunidade internacional", comentou.

A Organização das Nações Unidas (ONU) comparou a situação em Azovstal a um "inferno sombrio" e celebrou a retirada de mais 50 civis entre centenas abrigados nos bunkers da siderúrgica. "Hoje, conseguimos evacuar de Azovstal 50 mulheres, crianças e idosos", informou a vice-primeira-ministra da Ucrânia, Iryna Vereshchuk. Uma nova tentativa de resgate de mais um grupo será feita hoje.

Em Kiev, o prefeito Vitali Klitschko exortou os cidadãos a ficarem em alerta e a não saírem de suas casas entre amanhã e segunda-feira. Autoridades ocidentais acreditam que Putin pode aproveitar a ocasião do Dia da Vitória para declarar oficialmente guerra à Ucrânia e intensificar a campanha militar, com a possibilidade de ataques à capital ucraniana. "Também peço que não ignorem as sirenes antiaéreas e se protejam imediatamente. Nos próximos dias, há uma grande probabilidade de bombardeios com mísseis em todas as regiões da Ucrânia", advertiu o prefeito.

Natalia Kolesnikova/AFP

Caças MiG-28j escoltam o avião de comando e controle Ilyushin Il-80 em sobrevoo na Praça Vermelha, em Moscou: ensaio para o desfile de segunda-feira

Reforço

O presidente norte-americano, Joe Biden, anunciou nova ajuda militar dos EUA para a Ucrânia. Biden apelou ao Congresso que autorize a verba. "Estou anunciando um novo pacote de auxílio à segurança que fornecerá munições adicionais de artilharia, radares e outros equipamentos para a Ucrânia", disse o democrata. Um alto funcionário de Washington disse à agência de notícias France-Presse que o novo pacote de ajuda equivale a US$ 150 milhões (ou R$ 762 milhões).

Durante visita à cidade ucraniana de Kherson, tomada pela Rússia há dois meses, o influente parlamentar russo Andrei Turchak admitiu, pela primeira vez, a intenção das forças de Moscou ficarem "para sempre" no sul da Ucrânia. "Gostaria de dizer, mais uma vez, aos habitantes da região de Kherson que a Rússia está aqui para sempre."

CUBA

Explosão em hotel histórico mata 18 e fere 74

Lachy Ciarreta, 24 anos, tinha acabado de sair de casa, quando foi surpreendido pela explosão, por volta das 10h55 (11h55 em Brasília). "Foi algo muito incomum. Um som muito agudo, que durou apenas dois segundos, mas bastante intenso. Aconteceu a apenas 500m de minha casa. Uma nuvem de poeira se ergueu ao céu. Subi a Avenida Prado e, na calçada em frente ao Hotel Saratoga, próximo ao Capitólio, presenciei pessoas assombradas. A via estava tomada pela poeira, e o hotel, devastado", relatou ao **Correio**. "Vi os socorristas retirarem três feridos dos escombros e uma mulher morrer durante o resgate."

Até o fechamento desta edição, 18 pessoas tinham morrido e 74 estavam hospitalizadas. Os quatro primeiros andares do prédio em estilo neoclássico ficaram destruídos. O presidente de Cuba, Miguel Díaz-Canel, dirigiu-se ao local, uma hora depois da explosão. "Não foi uma bomba ou um atentado. Foi um acidente lamentável", disse. Investigações preliminares apontam que a explosão foi provocada por um vazamento de gás. O Hotel Saratoga, um cinco estrelas de estilo neoclássico, tinha 96 quartos, dois restaurantes e uma piscina na cobertura com vista cinematográfica para o Capitólio. (**RC**)

Adalberto Roque/AFP

Fachada destruída do Hotel Saratoga, em Havana Velha: escape de gás

Conexão diplomática

por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Francisco calça as sandálias

O papa "do fim do mundo", como se definiu o cardeal argentino Jorge Bergoglio ao assumir o Trono de Pedro, em 2013, abriu o jogo nesta semana e revelou que, desde março, tenta um encontro cara a cara com o presidente da Rússia, Vladimir Putin. Francisco vem falando com insistência sobre a guerra na Ucrânia, condenando a invasão russa e fazendo apelos em favor dos civis. Dessa vez, porém, avançou alguns passos e falou sobre a dinâmica política do conflito.

Não é comum que a Santa Sé se pronuncie sobre o mérito de uma disputa internacional. Tanto mais porque, embora mantenha a diplomacia institucional mais antiga, o Vaticano tem a medida da própria influência no mundo do século 21 — incomparável com o papel que chegou a desempenhar, por exemplo, na idade média e moderna.

Dessa vez, o primeiro sul-americano a liderar a Igreja Católica entrou no debate. Além de lamentar a renitência do Kremlin em aceitar a proposta de interlocução, o pontífice permitiu-se uma observação no mínimo controversa: atribuiu aos EUA e seus aliados ocidentais parte da responsabilidade pela crise. Talvez, ponderou, "os latidos da Otan às portas da Rússia" tenham provocado "a raiva" do presidente Vladimir Putin.

Mão na cumbuca

A declaração, feita em entrevista ao Corriere della Sera, repercutiu intensamente, em particular nos países que integram a aliança atlântica. Mas, como a prudência é traço inseparável de uma instituição milenar, a leve censura ao Ocidente foi complementada por mais uma menção à ilegalidade flagrante da "agressão de um Estado soberano a outro Estado soberano".

Por sinal, a Santa Sé cancelou um encontro, originalmente previsto para junho, entre Francisco e o patriarca da Igreja Ortodoxa Russa, Kirill. O papa, como o macaco do conhecido ditado, não coloca a mão na cumbuca.

Vestiu a carapuça

Não é a primeira vez que Francisco calça as sandálias do pescador, figura de linguagem que inspira o título de um romance clássico sobre o papado nos tempos atuais — inclusive durante momentos críticos da Guerra Fria. Nos primeiros anos de seu pontificado, coube à Santa Sé papel central nas manobras discretas que permitiram o degelo entre EUA e Cuba, culminando no reatamento formal de relações diplomáticas, em 2015.

No livro publicado em 1963, entre os ecos do Concílio Vaticano II, no qual João XXIII conduziu a Igreja ao aggiornamento, o australiano Morris West mergulha na alma de um papa fictício, igualmente "do fim do mundo". O ucraniano Kiril Lakota, eleito de maneira surpreendente para suceder um progressista, se defronta com uma bateria de problemas de alcance e origem distintos, mas com um ponto em comum: o desafio que representavam, para a Santa Sé, de acertar o passo com a vida presente.

No romance, como no filme de 1968, cabe a Kiril I a missão de evitar o confronto direto entre os EUA e a (hoje extinta) União Soviética, onde tinha amargado a condição de preso político.

Séculos de janela

Não é preciso se afastar muito, no espaço ou no tempo, para enxergar a intervenção do Vaticano em episódios decisivos da história mundial. No auge do seu poderio, o papa Alexandre VI intercedeu entre Espanha e Portugal para que firmassem o Tratado de Tordesilhas, que dividiu as terras da América entre as duas potências coloniais navais — às vésperas da chegada das caravelas ao Brasil.

Mais recentemente, na virada de 1978 para 1979, João Paulo II conseguiu brecar, quase na última hora, uma guerra entre as ditaduras militares do Chile e da Argentina pelo controle do Canal de Beagle, no extremo sul do continente.

Quantas divisões?

Faz parte do folclore político do século 20 uma pergunta sarcástica atribuída ao líder soviético Josef Stalin, na qual fica patente a posição incomparavelmente mais discreta ocupada pela Santa Sé no período entre as duas guerras mundiais.

Em 1935, diante das ameaças já então formuladas pela Alemanha nazista, o chanceler da França, Pierre Laval, foi a Moscou discutir um pacto de não agressão. Perguntado sobre as capacidades militares do país, respondeu sem muitos detalhes e acenou com outro argumento destinado a atrair o interlocutor: um acordo, nas linhas propostas, ajudaria a amaciar o papa Pio XI, crítico severo da perseguição aos católicos na URSS.

"Ah, o papa...", teria respondido Stalin. "Quantas divisões mesmo tem o papa?"